

Desarmonia entre ministros atravança o crescimento

DANIEL PEREIRA E
FERNANDO EXMAN
BRASILIA

Se depender da harmonia entre integrantes do governo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva terá dificuldade para desatrar a economia nos próximos anos. Ontem, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, disse que a atual política monetária tem surtido resultados positivos, sobretudo no controle da inflação. E deu a entender, em audiência na Câmara dos Deputados, que não haverá mudanças de rota.

Já o ministro da Fazenda, Guido Mantega, foi enfático durante sua passagem pelo plenário do Senado: "há espaço para flexibilizar mais a política monetária".

O embate não é novo e tende a continuar no segundo mandato. Tem os ditos "desenvolvimentistas" no ataque, responsabilizando as taxas de juros fixadas pelos "monetaristas" pelo crescimento médio de cerca de 2,5% ao ano no primeiro mandato de Lula. "Como a inflação está sob controle, há espaço para que a taxa de juros continue caindo e o crédito, aumentando", disse Mantega.

Segundo o ministro, não haverá mudança do centro da meta de inflação, de 4,5% ao ano até 2008, conforme foi definido pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) em meados deste ano. Mas, como a inflação está próxima de 3%, o Comitê de Política Monetária (Copom) Banco Central tem condições de continuar — e até mesmo acelerar — o processo de redução da taxa básica de juros (Selic), hoje em 13,25% ao ano. O ritmo atual de corte da Selic é de 0,5 ponto percentual. Na última reunião, entretanto, houve integrantes do colegiado que defenderam baixa mais moderada, de 0,25 ponto.

Para Mantega, a taxa Selic cada vez menor e o aumento das reservas internacionais do Brasil — hoje em cerca de US\$ 85 bilhões — terão efeito positivo também sobre o real, reduzindo a sua valorização ante o

dólar. A desvalorização da moeda nacional é reclamada por exportadores e setores como têxtil e calçados.

"Não pretendemos afrouxar a política monetária, mas flexibilizá-la. A meta de inflação é adequada para conciliar uma taxa de juro não tão severa e um crescimento maior", declarou Mantega à tarde.

De manhã, Meirelles elogiou a política monetária que conduz. Além disso, afirmou que só o controle da inflação garantirá a estabilidade da economia e a redução da taxa de juros.

"A ousadia tem que se dar no controle da inflação", disse o presidente do Banco Central. "Há um certo engano em pensar que a economia pode crescer inflacionando".

Parlamentares da bancada governista não dispararam o tradicional fogo amigo em Meirelles. Demonstraram, entretanto, preocupação com as perspectivas econômicas do País. Citando trechos da ata da última reunião do Copom, o senador Eduardo Suplicy (PT-SP) declarou estar apreensivo com a possibilidade de o colegiado reduzir o ritmo da queda da taxa de juros no próximo ano. Já o líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), minimizou a importância da discussão, declarando que os juros não são o principal nó a ser desatado na área econômica, mas, sim, os gastos públicos.

A oposição na Câmara foi mais agressiva a Meirelles. O deputado Luiz Carlos Hauly (PR), por exemplo, acusou a política econômica do governo Lula de aumentar a concentração de renda no País, prejudicar a classe média e quebrar o agronegócio. Em resposta, o presidente do BC destacou, por exemplo, que há crescimento da massa salarial e do emprego com carteira assinada. "A grande contribuição do Banco Central ao crescimento é a estabilidade de preços, administração de uma política cambial que assegure o bom funcionamento do câmbio e o equilíbrio da balança de pagamento", disse.



Henrique Meirelles